

INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM CHAPBOOKS¹

Wendell Batista dos Santos²

RESUMO

Este trabalho investiga a importância da abordagem intercultural no ensino de língua estrangeira em diálogo com as orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Base Nacional Comum Curricular, assim como do projeto político pedagógico e do regimento escolar. Tem por objetivo relatar a experiência de trabalho com “Chapbooks, os cordéis da Inglaterra” em comparativo com o cordel brasileiro na disciplina de língua inglesa no ensino médio de uma unidade de ensino do Estado de Pernambuco. A partir de momentos desde a teoria à prática, quando da construção de “chapbooks” tanto como texto literário quanto como veículo de comunicação, os alunos demonstraram um melhor rendimento nas aulas, como também uma valorização pela cultura do outro, o que vem a ressaltar a importância da interculturalidade no ensino de língua estrangeira orientada pelos documentos oficiais. Enfim, a metodologia criativa com “chapbooks” proporcionou uma maior interatividade na sala de aula e culminou com a participação dos estudantes na aprendizagem da língua como um elemento cultural e identitário.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua estrangeira. Língua inglesa. Abordagem intercultural. Chapbooks.

INTRODUÇÃO

Para além das definições restritas dos dicionários, Celma Tavares *et al.* (2011, p. 27) explanam a cultura como “o modo próprio que cada povo desenvolve para fazer todas as coisas. [...] trata-se do conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo”. Para as autoras, falar de cultura é falar da música, do teatro, das religiões, dos mitos, dos hábitos alimentares e das danças, mas também da língua em sua forma falada e escrita. Assim, a língua, dentre outras concepções, deve ser compreendida como um elemento cultural identitário. Não obstante, ela foi umas das principais ferramentas utilizadas na construção das identidades nacionais. (SILVA, 2010)

Segundo Antunes (2009, p. 19), o povo tem uma identidade cultural que “se forja e se expressa pela mediação das linguagens, sobretudo da *linguagem verbal*.” Portanto, o seu

- 1 Este artigo relata o resultados da experiência de ensino de língua inglesa com abordagem intercultural na Escola de Referência em Ensino Médio Assis Chateaubriand, localizada na comunidade de Brasília Teimosa, em Recife – PE. Para sua elaboração, obteve a aprovação e efetiva colaboração da Gestão e Coordenação Pedagógica Escolar.
- 2 Graduado pelo curso de Licenciatura Plena em Letras (Português e Inglês) da Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE | Recife – PE) e pós-graduando pelo curso de Língua Inglesa: Metodologia da Tradução da mesma instituição. Professor da rede de ensino do Estado de Pernambuco. Revisor e tradutor. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0925620946264559>.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

ensino deve visar à aquisição da língua enquanto parte de uma cultura, o que significa dizer que aprender uma língua é aprender a cultura de um povo. Não se trata simplesmente de utilizar a cultura como ferramenta ou ponte para a aquisição de uma língua ou outra, mas de despertar a valorização pelos modos que outras pessoas criaram ‘para fazer todas as coisas’ e ver nesses fazeres a identidade das pessoas. Por isso, conhecer a música, o teatro, as religiões, os mitos, os hábitos alimentares e outras atividades de um povo devem ser contempladas pelo ensino de língua estrangeira (ELE).

Este artigo, fundamentado em revisão bibliográfica, é um relato da experiência de ELE com abordagem intercultural em três turmas de 3º ano do ensino médio da Escola de Referência em Ensino Médio (Erem) Assis Chateaubriand (Recife – PE), na qual se realizaram atividades com *chapbooks*³ em diálogo com o cordel brasileiro, visto haver semelhanças entre as duas formas de literatura popular. Tal abordagem visou à potencialização do aprendizado nas aulas de língua inglesa. Concomitantemente, os professores das disciplinas de artes, língua portuguesa e educação física desenvolveram um projeto escolar visando o fortalecimento das identidades do povo nordestino narradas nos versos do cordel.

Assim, a partir da inserção das atividades de pesquisa e elaboração de *chapbooks*, bem como poderia ocorrer com outros elementos culturais de países da língua-alvo, acreditava-se que os alunos despertassem mais interesse pelas aulas ao compreenderem a língua não apenas como sistema de comunicação humana, mas como um fenômeno social, cultural e identitário. Consequentemente, os estudantes se tornaram mais participativos, ampliaram a perspectiva de língua estrangeira e começaram a obter melhores resultados na aprendizagem.

METODOLOGIA

A experiência relatada aconteceu na Erem Assis Chateaubriand,⁴ localizada no bairro de Brasília Teimosa, em Recife – PE. A unidade de ensino (UE) tem autorização para funcionamento concedida pelo Decreto-Lei nº 1.481/1968 publicado no Diário Oficial do Estado de Pernambuco (DOE-PE) de 23 de janeiro de 1968. No total, a UE tem 21 turmas e 855 estudantes matriculados, segundo dados do PPP, em 2017. (EREM ASSIS CHATEAUBRIAND, 2018)

3 Para efeito de conhecimento, utiliza-se outros sinônimos para o termo “chapbook”: folheto inglês e cordel inglês (ou da Inglaterra).

4 A unidade de ensino encontra-se em fase de transição do ensino regular ao integral.

Como reação docente ao incentivo de melhoria do desempenho dos alunos nas aulas de língua inglesa, as aulas com abordagens interculturais foram propostas em etapas e respeitando-se o tempo pedagógico dos discentes. O relato de experiência engloba uma amostra em torno de 120 estudantes matriculados nas turmas do 3º ano A, B e C.

A intervenção realizada fundamentou-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96 e em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O projeto político pedagógico (PPP) e o regimento escolar, de igual modo, serviram para delimitar os princípios filosóficos, visão, valores e missão da UE dentro das atividades.

Tem seu alicerce na relação entre língua e cultura para, então, abordar a interculturalidade no ELE moderna (neste caso, a língua inglesa). Para tanto, apresenta a ideia de cultura e, por meio de diálogo entre as ideias de teóricos como Ducrot e Todorov (1978), Crystal (2000) e Câmara Jr. (1995), compreende a língua como principal veículo de comunicação humana – por isso, um fenômeno social.

Assim como ao longo de todas as intervenções realizadas, a presente publicação obteve autorização por escrito e efetiva colaboração da Gestão Escolar da Erem Assis Chateaubriand, no período de início do segundo semestre do ano de 2019, delimitado pelo dia 29 de julho a 27 de agosto.

DESENVOLVIMENTO

Em vista da numerosidade de línguas faladas no mundo,⁵ desenvolver habilidades em língua franca possibilita a aproximação de múltiplos universos culturais. Entre outras concepções, para Ducrot e Todorov (1978), a língua é um fenômeno social, de modo que, sem interação humana, a língua não é capaz de existir. De acordo com Crystal (2000, p. 1, tradução nossa), “dizer que uma língua está morta é como dizer que uma pessoa morreu. Não poderia ser de outro modo – pois as línguas não têm nenhuma existência sem as pessoas.” E continua: “Uma língua morre quando ninguém mais fala ela.”⁶

Segundo Antunes (2009, p. 19, grifos da autora), “O povo tem uma *identidade*, que resulta dos traços manifestados em sua *cultura*, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela

5 De acordo com o catálogo *Ethnologue: languages of the world*, ao que se sabe, falam-se 7.111 línguas no mundo. (EBERHARD, SIMONS e FENNIG, 2019)

6 O texto original diz: “To say that a language is dead is like saying that a person is dead. It could be no other way – for languages have no existence without people. (...) A language dies when nobody speaks it any more.”

mediação das linguagens, sobretudo da *linguagem verbal*.” Dessa forma, como fenômeno ou prática social, a língua está intimamente ligada à identidade cultural dos seus falantes, o que já fora apontado por Celma Tavares *et al.* (2011) e que pode ser assegurado pelas variedades que acontecem dentro de um mesmo universo linguístico (variedades do português brasileiro, por exemplo).

Câmara Jr. (1995, p. 53) afirma que a língua é um fato de cultura como qualquer outro, mas que certas condições a colocam à parte “em face dos fatos não-vocais de cultura.” Enquanto outras manifestações culturais esgotam-se em si mesmas por não terem a função ou exercerem o papel de descrever todas as outras, “a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento” (*Ibid.*). E completa: “A sua função é expressar a cultura para permitir a comunicação social.” (*Id.*, p. 54)

Assim, aprender uma língua é aprender o elemento cultural de outros povos ou etnias ao mesmo tempo em que se redefine a própria identidade, pois, “Ao se apropriar de uma língua, o aluno se apropria também dos bens culturais que ela engloba” (MORAES, 2018, p. 93), além de alternar ao modo de pensar e construir as ideias naquele universo linguístico (SILVA e LIMA, 2016), visto que a construção das ideias acontecem de maneiras diferentes em línguas diferentes. Seu aprendizado inclui não apenas os aspectos exclusivamente linguísticos (vocabulário, morfologia, sintaxe, semântica etc.), mas também os costumes, a gastronomia, as tradições, as religiosidades, o teatro, a dança, a literatura e outras expressões em meio a qual a língua acontece como a principal ferramenta de comunicação humana.

A LDB (BRASIL, 1996) apoia a ideia de um ensino que contemple o acesso à cultura, pois também agrega ao conceito de educação básica os processos formativos que acontecem por meio das manifestações culturais (Art. 1º) e, dentre seus princípios, elenca-se a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a *cultura*, o pensamento, a arte e o saber” (Art. 3º, III, grifo inserido), princípios que também são adotados na filosofia e nos valores da unidade de ensino em seu PPP e regimento escolar. (EREM ASSIS CHATEAUBRIAND, 2018; 2019, Art. 6º, II).

O ELE, por sua vez, vem a superar a noção de aquisição da língua através do domínio, previsão, padronização etc., como nos métodos mais tradicionais. Passa, portanto, a contemplar “noções mais abrangentes e relacionadas ao universo discursivo nas práticas situadas dentro dos campos de atuação, como inteligibilidade, singularidade, variedade, criatividade/invenção e repertório”, conforme as orientações dadas pela BNCC (BRASIL, 2018, p. 184-5).

Os PCN (*Id.*, 1990, p. 25) retomam a visão de língua estrangeira como instrumento fundamental à formação do indivíduo, “parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos es-

senciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado.” Para Moraes (2018, p. 93), “O processo de aprendizagem de uma língua estrangeira envolve obrigatoriamente a percepção de que se trata da aquisição de um produto cultural complexo.” Portanto, a abordagem intercultural no ELE moderna está diretamente ligado aos requisitos dos documentos oficiais e legislação brasileira para a educação.

Segundo Silva e Lima (2016), para que uma língua estrangeira seja realmente adquirida, é necessário que o aprendiz desenvolva a competência comunicativa intercultural, o que significa poder refletir sobre a língua e a cultura materna, compreender a diversidade do ser humano em várias partes do mundo, conhecer a literatura e expressões artísticas de outras partes do mundo etc. A competência intercultural pode ser explanada pelo exemplo do estudante que, ao fazer pesquisa na biblioteca da escola, é capaz de explorar apenas as obras em sua língua materna, de modo que seu aprendizado pode ser amplo, mas, ainda assim, limitado pela língua. Ao adquirir uma nova língua, seu universo de pesquisa se expande, pois poderá consultar não apenas as obras em língua materna, como também estrangeira.

Contudo, para além de um laboratório do saber mais amplo, a interculturalidade “alude a um tipo de sociedade em que as comunidades étnicas, os grupos sociais se reconhecem em suas diferenças e buscam uma mútua compreensão e valorização.” (SILVA e LIMA, 2016, p. 180) Na visão dos interculturalistas, segundo Bennett (2011), citado por Silva e Lima (2016), existem três aspectos de identidade cultural: (1) perceber a si mesmo como uma identidade individual e uma identidade cultural, (2) compreender a identidade cultural como o resultado da interação com outras pessoas e (3) pensar na identidade cultural sem deixar de perceber a identidade nacional e as divisões regionais e identidades locais.

O autor explica que, ao entrar em contato com outra cultura, os indivíduos se esforçam (presume) para se adaptar um ao outro. Dessa dinâmica, resulta o que chama de “terceira cultura”, uma espécie de intersecção cultural. Desse modo, o trabalho com a cultura no ELE possibilita a aproximação de outros universos culturais ou ‘modos que outras pessoas escolheram para viver e fazer todas as coisas’, e uma das formas de fomentar essa aproximação é por meio da literatura.

De acordo com Braulio Tavares (2015), o cordel surgiu na Europa, do fim da Idade Média para a Idade Moderna, cujo nome mais evidente foi Samuel Pepys (1633-1703), membro do Parlamento e Secretário Naval da Inglaterra, culto e influente que deixou uma biblioteca com mais de 3 mil volumes que hoje se encontram na Magdalene College, Cambridge. Na Inglaterra, eram chamados de *chapbooks* e eram muito parecidos com o folheto brasileiro (seu

“descendente”), com apenas duas exceções: (1) o cordel brasileiro é escrito em versos, enquanto predomina a prosa no cordel inglês; (2) no brasileiro, usa-se a xilogravura para ilustração apenas na capa, enquanto o livreto inglês usa a xilogravura também para ilustrar o corpo do texto e, muitas vezes, fora do contexto (por outro lado, os *chapbooks* modernos já adotam diversas formas e ilustrações). Exceto isso, as duas literaturas assemelham-se de tal forma que é possível criar um universo de intersecção entre elas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade denominada “Chapbooks, os cordéis da Inglaterra”, título inspirado no artigo de Braulio Tavares (2015) publicado no site Editoras.com, e que foi bastante apreciado pelos alunos, teve seu primeiro momento em torno de um diálogo precedido por uma pesquisa bibliográfica sobre a origem dos *chapbooks* e suas semelhanças com o cordel brasileiro (espaço de intersecção).

O intuito do trabalho de pesquisa solicitado com antecedência era preparar os alunos para o debate sobre os livretos ingleses com material em mãos que viessem a expandir o conhecimento da turma e fundamentar as opiniões. Aparelhos celulares com conexão à internet foram importantes para aqueles que, por algum motivo, não realizaram a atividade de pesquisa recomendada para casa.⁷ Discutiu-se sobre as características gerais do *chapbook* (origem, linguagem, enredos, personagens, pícaro [Jack the Giant Killer, Pedro Malazartes, João Grilo etc.], recursos etc.). Alguns cordéis foram ofertados para que classe relembresse, pelo contato, as características da literatura popular brasileira.

No primeiro momento, realizou-se uma atividade de produção. Cada estudante recebeu uma folha de papel colorida tamanho A4 para a elaboração das capas e uma folha de papel ecológico tamanho A4 para compor a parte interna dos livretos. Cada estudante ou dupla confeccionou o livreto conforme as orientações do professor, que executou o processo de construção do *chapbook* diversas vezes até que todos tivessem concluído a primeira parte prática – e sem necessidade de tesoura ou cola, mas apenas de um grampeador grande para prender as folhas internas à capa. Estas atividades precisaram ser repetidas algumas vezes

7 Aqui, é importante ressaltar que a Lei Estadual nº 15.507/2015 proíbe o uso de aparelhos celulares e outros dispositivos eletrônicos “nas salas de aula, exceto com prévia autorização para aplicações pedagógicas” (PERNAMBUCO, 2015, Art. 1º, I, grifo inserido). A orientação do professor é fundamental durante pesquisas internéticas na sala de aula e mesmo nos laboratórios de informática para evitar o desvio dos objetivos pedagógicos.

para garantir que todos os alunos compreendessem as etapas de construção do um folheto inglês.

Para a ilustração das capas, discorreu-se sobre a xilogravura⁸, por meio de modelos de *chapbooks* e cordéis brasileiros. Como o livreto inglês utiliza diversas formas de ilustração (inclusive coloridas e no corpo do texto, o que não ocorre com o cordel brasileiro), não houve restrição quanto ao tipo de desenho que os participantes da atividade poderiam aderir ou se fariam ilustrações com recortes de revistas e jornais, conforme os modelos apresentados.

Fig. 1: Modelos ofertados pelo professor.



Créditos: Wendell Santos.

No tocante ao texto, explanou-se sobre os diversos propósitos dos *chapbooks* (literatura, anedotas, política, religião, notícia etc.) desde o fim da Idade Média e os efeitos de sua sobrevivência para hoje se conhecer bastante acerca da cultura inglesa. Todos foram incentivados a escolher um tema sobre o qual se sentiriam à vontade para discorrer em prosa ou em verso.

Por se tratar de uma abordagem intercultural e, principalmente, por ser o *chapbook* o objeto de estudo, os alunos ficaram livres para escolher se escreveriam os textos ou histórias em inglês ou português, mas todos foram convidados a tentar a tradução dos títulos. Como resultado da primeira etapa, os alunos criaram livretos que abordavam temas como: lazer, futebol, notícia, religião, lenda, história local, entre outros – os mesmos propósitos aos quais serviam os *chapbooks* no passado. Em alguns casos, houve dificuldade de entendimento, o que ocasionou na necessidade de reelaboração de trabalhos.

8 A *xilogravura*, basicamente, consiste na “técnica de fazer da madeira o suporte de talhes e escavações, transformando-a em matriz a ser entintada e pressionada para a obtenção da cópia” (CARVALHO, 1995, p. 144).

Todos os *chapbooks* produzidos na disciplina de língua inglesa foram expostos durante a culminância do projeto “Cordel: o mundo mágico do Nordeste”, realizado pelos demais professores de Linguagens, Artes e Educação Física no dia 27 de agosto de 2019. Além disso, com a colaboração de três alunos, outras pessoas do ambiente escolar puderam ler os *chapbooks* e aprender aspectos da confecção dos cordéis da Inglaterra.

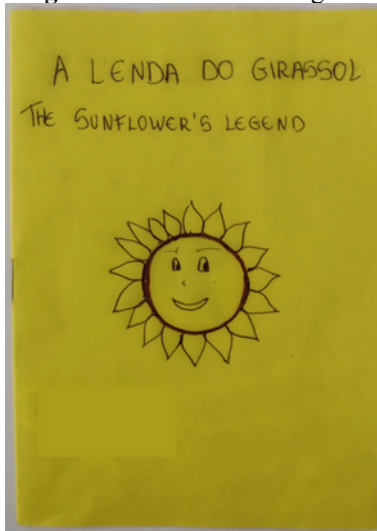
Dentre os recursos materiais utilizados no momento da exposição constaram: uma folha de papel madeira (para a inscrição “Chapbooks, os cordéis da Inglaterra” num cartaz); um rolo de cordão barbante (para pendurar os *chapbooks* produzidos, cujos autores autorizaram a exposição); quatro mesas (apoio à montagem do livreto); uma resma de papel colorido (confecção das capas); uma resma de papel ecológico (confecção das páginas internas); um grampeador grande (prender as páginas). Outros materiais como tinta guache, tesouras, jornais e revistas para recorte etc. estiveram disponíveis para o caso de o público superar os objetivos da atividade: conhecer o *chapbook*, ler algumas produções e aprender a confeccionar a parte física do livreto.

Dentre os títulos apresentados, alguns deles foram: *Pina*, de M.M., que faz uma descrição de alguns lugares do bairro do Pina; *Realismo e fantasia* (Realism and fantasy), de E.L., E.A. e M.A., que noticia a exposição de 40 desenhos do artista recifense Kilian Glasner; *Seja luz* (Be light), de D.J., R.M. e S.E., que traz mensagens motivacionais (bilíngue); *A lenda do girassol* (The Sunflower’s Legend), de H.L., que conta uma história mitológica de amor grega; *A história de Moyzes, um homem de Deus* (The history of Moses, a man of God), de A.L., que conta a história bíblica de Moisés, líder do povo hebreu; e *The Beach*, de E.S., que fala de coisas que podem ser feitas na praia (texto integralmente em inglês).⁹ Além destes, outros folhetos foram produzidos com temas como: meio ambiente, política, futebol, gestação, *bullying*, frases de amor, a mulher e o trabalho, textos inspirados em músicas etc.

Por fim, as três turmas demonstraram maior engajamento com as atividades de *chapbooks* e, conseqüentemente, colaboraram ativamente nas provocações e ofertas nas aulas de língua inglesa. Como resultado, um número maior de alunos passou a buscar mais informações sobre os modos que outras sociedades escolheram para viver e para fazer todas as coisas. Argumentos como “não sabemos nem mesmo português” desapareceram e perguntas do tipo “como se diz isso em inglês?” e “pode responder em inglês?” passaram a ser mais frequentes e uma “terceira cultura” (BENNETT, 2011 *apud* SILVA e LIMA, 2016) agora passa a ser, gradativamente, estabelecida.

9 Os títulos foram preservados em sua grafia original e os autores/estudantes são identificados pelas iniciais de seus nomes.

Fig. 2: The Sunflower's Legend.



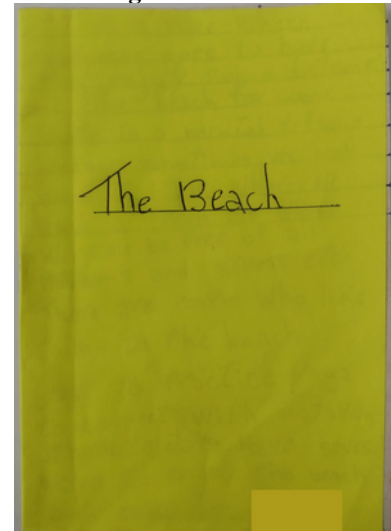
Fonte: Reprodução.

Fig. 3: Pina.



Fonte: Reprodução.

Fig. 4: The Beach.



Fonte: Reprodução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo da abordagem intercultural relatada é aproximar o alunado da língua inglesa não apenas como uma disciplina, mas por compreendê-la como um elemento cultural identitário para seus falantes, assim como é a língua portuguesa para o povo brasileiro. Percebera-se, ao longo das exposições ao conteúdo, que o papel facilitador do professor é essencial para que não ocorra o desvio do planejamento pedagógico e para desconstruir ideias preconcebidas de um ensino e aprendizagem de língua estrangeira centrado no quadro e no livro que não favorecem a expansão do conhecimento e visão de mundo.

Ao fazer um paralelo, por meio do contato, entre o cordel brasileiro e o *chapbook*, instaurou-se um ambiente de diálogo entre duas manifestações culturais que souu curioso para os estudantes devido às diversas semelhanças identificadas entre as duas literaturas. As aulas práticas foram, de fato, o momento em que as turmas mais se engajaram. Os papéis coloridos junto ao uso da criatividade suscitaram mais dedicação às aulas, o que torna evidente a necessidade de momentos cada vez mais dinâmicos e “com vida” que valorizem a criatividade e a reflexão sobre as formas como outras pessoas constroem as ideias através da língua.

Conforme visto, a participação efetiva dos alunos aumentou. Contudo, este é um trabalho contínuo, o que significa dizer que, qualquer que seja o conteúdo (programático ou para preenchimento de lacunas), é necessário visar à compreensão do universo cultural em meio ao qual a língua acontece.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BENNETT, Milton. Interculturalidade. Você sabe o que é? **Revista Época**, 25/07/2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI250960-15228,00-INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html>>. Acesso em: 23 set. 2019, às 12:07.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 1 ago. 2019, às 08:57.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Brasil e MEC, 2000.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Brasil e MEC, 2018.

CÂMARA JR., J. Mattoso. Língua e cultura. **Revista Letras**, v. 4, p. 51-59, 1955.

CARVALHO, Gilmar de. Xilogravura: os percursos da criação popular. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 39, p. 143-158, 1995.

CRYSTAL, David. **Language death**. Madri: Press Syndicate of the University of Cambridge, 2000.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário das Ciências da Linguagem**. 5. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

EBERHARD, David M.; SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (Orgs.). How many languages are there in the world? **Ethnologue: Languages of the World**, s/d [2019?]. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/guides/how-many-languages>>. Acesso em: 12 set. 2019, às 23:52.

ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO ASSIS CHATEAUBRIAND. **Escola Assis Chateaubriand**: Projeto Político Pedagógico 2018. Recife: Escola de Referência em Ensino Médio Assis Chateaubriand, 2018, 34 f.

_____. **Regimento Interno da Escola Estadual Assis Chateaubriand**. Recife: Escola de Referência em Ensino Médio Assis Chateaubriand, 2019, 13 f.

MORAES, Liani F. Língua estrangeira moderna. *In*: BRASIL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PCN+ Ensino Médio**: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Brasil e MEC, s/d [2018?]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2019, às 22:24.

PERNAMBUCO. **Lei nº 15.507, de 21 de maio de 2015.** Regulamenta a utilização de aparelhos celulares e equipamentos eletrônicos nas salas de aulas, bibliotecas e outros espaços de estudos das instituições de ensino públicas e particulares localizadas no Estado de Pernambuco, e dá outras providências. Disponível em: <<http://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=4207>>. Acesso em: 16 ago. 2019, às 13:25.

SÁEZ, Fernando Trujillo. Towards interculturality through language teaching: Argumentative discourse. CAUCE, **Revista de Filología y su Didáctica**, v. 25, p. 103-119, 2002.

SILVA, Heber Oliveira Costa e. A tradução no desenvolvimento dos vernáculos europeus. **Academia.edu**, 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/5581573/A_tradu%C3%A7%C3%A3o_no_desenvolvimento_dos_vern%C3%A1culos_europeus_2010_>. Acesso em: 30 ago. 2019, às 15:30.

SILVA, Reinaldo Ferreira da; LIMA, Diógenes Cândido de. Abordagem intercultural no ensino de língua estrangeira: reflexões e concepções. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 2, p. 173-186, jul./dez. 2016.

TAVARES, Braulio. O cordel da Inglaterra. **Editoras.com**, 28/07/2015. Disponível em: <<https://editoras.com/o-cordel-da-inglaterra/#comment-1037>>. Acesso em: 15 ago. 2019, às 11:24.

TAVARES, Celma; BUARQUE, Cristina Maria; MEIRA, Fernanda; ALBERNAZ, Lady Selma; CAVALCANTI, Raiza; SOUZA, Rosângela; SILVA, Rosário. **Mulheres construindo igualdade**: Caderno Etnicorracial. Recife: Secretaria da Mulher e Governo do Estado de Pernambuco, 2011.